

Homilia no XI Domingo Comum B 2006



1. Ainda se recordarão, por certo, da pequenina semente de trigo, entregue a cada um, no início da Semana Bíblica. Eis que, mesmo na recta final do nosso ano pastoral, voltamos à semente!

Mas desta feita, somos desafiados a algo de consolador e original! Deitemonos a dormir! Sim, é hora de dormir e descansar! Pois é, enquanto dorme e se levanta, que o semeador vê a semente germinar e crescer, «sem ele saber como»! Parece-me ouvir uma clara explicação da parábola de São Paulo, quando nos diz: “Eu plantei. Apolo regou. Mas foi Deus que fez crescer. Nem o que planta nem o que rega, são coisa alguma. Mas Deus, que faz crescer” (I Cor.3,6-7). Esta primeira parábola é, por assim dizer um convite a saber “esperar” no descanso e na paz, a “confiar” na fé, porque o segredo do crescimento da semente está dentro dela mesma, e não se apressa com a minha pressa!

A outra parábola, a «do grão de mostarda» parece manifestar o valor escondido das pequenas coisas, mesmo daquelas que ninguém vê, ninguém aprecia, ninguém valoriza e, que todavia, são “sementes” de progresso, promissoras de um futuro novo.

2. Leio estas duas parábolas, recordando todos os educadores: pais, catequistas e professores. E, ninguém me leve a mal, que neste final de ano lectivo, diga uma palavra de confiança, de agradecimento, de reconhecimento e de consolação aos professores. Semeadores, foram os vossos professores, que acreditaram na força vital das boas sementes, do bem, da ciência e da verdade. Os professores, demais educadores, aceitaram a tarefa desta sementeira, e, com a paciência do lavrador! Em hora de colheita, neste final de ano, é preciso dizer aqui uma palavra de confiança.

Os professores estão a passar, talvez, o momento mais difícil depois do 25 de Abril, com uma campanha que tende a desautorizar e a desqualificar o seu

ensino e missão. Andamos todos entusiasmados com os jogadores da selecção convertendo-os em heróis da Pátria, e esquecemos esse «heróis e heroínas, que nos novos tempos aceitam a missão e profissão de revelar os saberes aos mais jovens. Os professores continuam a fazer parte do plantel dos nossos discretos heróis». Como é difícil ser professor: de crianças, para quem um minuto de silêncio é quase um milagre; de adolescentes, cuja capacidade de concentração, é praticamente uma missão impossível; de jovens, tantos deles desinteressados, quando não insolentes e intolerantes, perante a exigência do professor e educador.

3. Se isto já é, de si e de sempre, difícil, crescem agora, no cenário da educação, dificuldades vindas da parte dos pais; pais, que se apresentam como uma espécie de “polícias dos professores”, pais demitidos dentro de casa, e ameaçadores fora de casa; pais que se permitem queixar e protestar de um reparo do professor ao filho; pais “mimeiros”, pais de de filhos mimados, que se dão ao luxo de se queixar ao Director da Escola, porque o seu menino - vejam lá - levou um empurrão na entrada da sala de aula! Pais, que dizem ao Pároco, e dizem aos Professores, «que não têm por que se justificar da falta dos seus filhos». Eles próprios - dizem - sabem e consentem na desordem!

Sei que há, como em todas as profissões, pessoas competentes e incompetentes, com vocação e sem ela! Mas como se pode desautorizar o “educador” na cara do educando! Como se pode passar da “didatura do professor” à “ditadura do aluno”, que só estuda se... e quando lhe apetece! Parece que quem tem de se justificar pelos maus resultados não é o aluno, a sua falta, o seu desinteresse, a sua apatia. É o professor, que tem de se “explicar” de tudo e por tudo! Onde está o equilíbrio, que garanta uma avaliação de aluno e de professor, sem troca nem confusão de papeis?!

Os alunos sentem-se hoje “super-protegidos”, por políticos e políticas, por pais e mães, que nunca perceberam, que as crianças, os adolescentes, os jovens, as pessoas, não são anjos. É verdade que também não são bestas. Todas as pessoas são educáveis. Mas nem tudo o que há, na pessoa é bom! A educação não tem por que “desenvolver” dinamismos e mecanismos negativos e destrutivos que nos habitam: há muito egoísmo que precisa de ser combatido; há muita desordem interior, que precisa de ser regulada; há instintos que precisam de “ser guiados” e até superados e mesmo curados. E, quem disse que essa regulação da desordem e do delito, não pode ser feita, com um correctivo ou um castigo adequado? Por que é não temos, porventura, o direito de pregar um «estalo» a um filho e temos de engolir toda a «insolência e a má criação” dos educandos? Obviamente não defendemos aqui a violência gratuita, nem o «estalo» como método recorrente de ensino. Mas quem é o verdadeiro educador, que nunca sentiu, em determinados momentos, essa “sacudidela” como o método mais eficaz?

4. Mal vai um país e uma geração, que não se dá ao respeito. Que põe os professores sob suspeita de «preguiça», e que os culpa daquilo que bem se podia classificar hoje de “falência da família”?!

Por que será que se inveja a sorte dos professores, querendo ocupar, a todo o custo, os seus tempos livres, sem perceber a enorme exigência, o desgaste

psicológico, que é hoje gerir o espaço de uma sala de aula? E é tanto mais difícil, quanto tivermos pais, a ver os professores como “concorrentes” ou como “substitutos” da sua missão?!

Que fazer, perante um país, que transforma o «estalo», que um Padre deu numa criança mal-criada, num caso nacional de violência doméstica! O Padre é castigado e fustigado, sujeito a um inquérito pela Segurança Social! E as crianças e adolescentes e jovens dão-se ao luxo de dizer aos seus pais: «olha que não podes dar um estalo; estás sujeito a um inquérito»... Onde é que nós vamos parar?

Não quero “deitar água benta” sobre a incompetência de alguns professores, nem tão pouco quero “castigar” pais que se esforçam e olham para os professores como seus verdadeiros colaboradores! Mas é preciso “parar para pensar”, sob pena de termos estes filhos mimados, um dia, “adultos revoltados”! E revoltar-se-ão contra quem os mimou, quando perceberem que nós verdadeiramente não os ajudamos. Facilitar, não exigir, transigir em tudo, é educar e criar pessoas, sem “estrutura”, sem “estaleca”, sem “coluna vertebral” incapazes de aguentar a dureza e os sacrifícios da vida.

5. Quero daqui manifestar o nosso reconhecimento aos professores. É preciso que os pais e os filhos voltem a ter aquela reverência e aquele reconhecimento, que ligava educadores e educandos. Nesta hora de provação, de crise, queremos dizer-vos: «tende confiança na vossa missão educativa»! Pais, dissei aos professores: «ajude-me; tem o meu apoio, na exigência que quer pôr ao meu filho»; Pais, dissei aos professores: «Obrigado, porque não consigo fazer, o que está a fazer com o meu filho».

Quem tem de semear, sabe que semeia numa mão, com a dor, e na outra com o amor! Neste final de ano, o Senhor, nas parábolas que ouvimos, recomenda-nos que nos «deitemos a dormir»... Chegou a hora de dizer e rezar: «Senhor, fiz o que pude. Fiz o que soube. Falhei, algumas vezes; outras vezes, senti-me impotente. Agora que os alunos vão partir, sê tu a fazer frutificar a semente que lancei nos seus corações, nas suas consciências, nas suas inteligências e nas suas vidas»!

Caros professores, porque tendes fé, confiai assim os vossos filhos, os vossos educandos, os nossos trabalhos, à palavra da sua graça! Muito obrigado, queridos professores, caríssimos catequistas. Se nunca ninguém vo-lo disse, digo-vos eu, em nome de todos: obrigado, do coração. O Senhor vos recompense. Seja a vossa luz e a vossa alegria. E que vós vejais prosperar, com abundância, tanto quanto possível, a obra das vossas mãos, e os frutos que só Deus nos permite dar!

Pe. Amaro Gonçalves